



## MACAÉ: HISTÓRIA, IDENTIDADES E CRISES

Meynardo Rocha de Carvalho<sup>1</sup>

Corria o ano de 1967 naquela pacata cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, chamada Macaé. Com uma população estimada em 62.996 habitantes<sup>2</sup> e vocações econômicas que iam da produção agrícola às práticas comerciais urbanas, o município fizera-se conhecido no País pelo movimento trabalhista dos seus ferroviários, que na condição de operários nas Oficinas de Imbetiba<sup>3</sup> e de toda a rede logística férrea, haviam se tornado, ao longo do século XX, a principal classe trabalhadora na cidade, tanto no sentido político, como no sentido econômico (FONSECA, 1996), garantindo, em boa parte, a sustentabilidade do comércio, bem como as conexões socioculturais do interior com a Capital, através do cotidiano movimento dos trens, em um Brasil em processo de grandes transformações.

Geograficamente situada na esquina do Rio com o Mar, a cidade de “areias morenas”<sup>4</sup> deixava-se banhar pela grandiosidade e mistérios do seu Oceano. Posição que lhe rendera muitas histórias registradas desde o século XVI<sup>5</sup> ao singelo título de “Princesinha do Atlântico”<sup>6</sup>, pitoresca e hospitaleira, balneário apreciado por muitos veranistas.

Refletindo, portanto, em trajetórias e identidades locais (SILVA, 2003), podemos mesmo afirmar que a história de Macaé não se aparta do seu mar. Fora ele o vetor de entrada de seus colonizadores, porto de comunicação com o mundo, campo de trabalho para seus pescadores e inspiração para seus poetas, construindo tradições, sentimentos de pertencimento e costumes de cidade “praieira” que tem o oceano para além de simples moldura, mas como um horizonte genuíno de inúmeras possibilidades (TAVARES *et al*, 2014).

Nesse contexto, para pensarmos em algumas consensualidades sobre as experiências históricas vivenciadas no município, retornamos ao ano de 1967, mais especificamente ao dia 22 de agosto, quando o *Jornal Diário de Notícias* publicou o seguinte “furo” de reportagem:

### **Técnicos estão analisando petróleo<sup>7</sup>**

Por Armando Barreto

Desde o dia 15, técnicos brasileiros e americanos, na maioria, alojaram-se em algumas salas do hotel de Imbetiba, com inúmeros e complicados aparelhos, para pesquisas relacionadas com o petróleo – segundo se comenta. O Assunto merece a atenção das autoridades macaenses, tanto pela importância dos estudos como pela maneira como surgiu. Conforme a reportagem pôde apurar, até o dia 19, o prefeito não havia recebido qualquer visita ou comunicação a respeito. Assim, para informar a opinião pública, que é nosso dever e principal objetivo, tentamos manter contato com os responsáveis, o que não nos foi possível por não se encontrarem no hotel. Mesmo assim, com a ajuda de um funcionário do hotel, que se encontra no momento em pintura (não há hóspedes), conseguimos chegar até às aparelhagens, instaladas em uma sala no último andar, e nos aposentos dos estranhos, onde, graças a papeletas fixadas nas portas, pudemos

obter os seguintes nomes: GeafTuck, Hank Davis e Agenor Caetano Jorge. Sabemos que existem mais pessoas, pois os meios que dispõem revelam isso: caminhão, jipe, helicóptero e aparelhos de sondagem instalados no mar. O fato de o grupo pesquisador estar com autorização do governo (sic.) federal não o isenta de dar satisfação ao governo (sic.) municipal. (In: Macaé, Jornal Diário de Notícias, 22 de agosto de 1967 - Acervo Particular - Armando Barreto)

A investigativa matéria jornalística de Armando Barreto<sup>8</sup> nos leva a refletir sobre interessantes pontos vinculados ao *modus operandi* dos técnicos-pesquisadores da indústria do petróleo presentes na cidade. Naquele momento, apenas uma potencial indústria interessada nas possíveis reservas existentes em Macaé. Importa ressaltar que em 1958 fora realizado o primeiro furo na região, ainda em sua parte terrestre, com o objetivo de prospectar petróleo. A descoberta do poço 1-RJS-9A, já no mar, deu origem ao Campo de Garoupa e apresentou o que viria a ser a região petrolífera mais importante do país que, seguindo padrões internacionais de referenciamento, foi denominada Bacia de Campos.<sup>9</sup>

Retomando a matéria jornalística, ao escrevermos de um tempo futuro em relação aos fatos citados, torna-se impossível não lermos a reportagem criando comparações com a experiência do convívio com a cadeia de produção do petróleo, instalada em Macaé ao longo dos anos. Desde aquele tempo até os dias atuais, esse quadro fez parte, com maior ou menor aproximação, da experiência compartilhada da vida no principal centro de produção de óleo e gás da Bacia de Campos, o que nos leva a atentar para pelo menos quatro pontos curiosos no texto.

Em primeiro lugar, há destaque para os inúmeros e complicados aparelhos, na avaliação do jornalista. O que nos leva a interpretar que, tanto a quantidade como a estranheza dos mesmos impactaram ou, no mínimo, despertaram a curiosidade daqueles que, de alguma forma, tiveram acesso a eles, já que não eram instrumentos pertencentes à realidade da cidade nem do cotidiano de seus habitantes.

Em segundo lugar, a matéria chama a atenção para a desatenção das autoridades, ou mesmo a falta de informação oficial a elas, já que os técnicos se instalaram na cidade sem estabelecerem nenhum tipo de diálogo oficial ou extraoficial com as autoridades locais.

Em terceiro lugar, o jornalista usa o curioso adjetivo "estranhos" para caracterizar os técnicos hospedados na cidade, chamando ainda a nossa atenção que são americanos em sua maioria. Logo concluímos que, naturalmente, não faziam parte da dinâmica local macaense, eram os forasteiros, os outros, ou simplesmente, os "estranhos".

E, finalmente, em quarto lugar, há um ponto de atenção em relação à autorização do Governo Federal que, embora reflita críticas do jornalista, fez com que fossem dispensadas, na prática, quaisquer satisfações ao Governo Municipal. O que deixa claro que o assunto em questão era bem mais importante do que uma suposta ética política local, da qual se serviu o jornalista para escrever seu texto. Talvez ainda nesse ponto seja importante ressaltar que o fato se deu em plena Ditadura Civil-Militar iniciada em 1964 e finalizada em 1985, quando estava à frente do Governo Federal o então presidente General Artur da Costa e Silva.

Em 1977, a Petrobras inicia a construção de suas instalações em Macaé, utilizando-se de uma área de quase 200 mil metros quadrados entre a Praia de Imbetiba e a Praia Campista. Curiosamente, a base dessa era industrial literalmente estabeleceu-se sobre os alicerces das antigas Oficinas Ferroviárias de Imbetiba, que tiveram suas atividades encerradas pelo Regime Militar<sup>10</sup>: tal como se o advento do petróleo no município

devesse cimentar para baixo e mesmo suplantar na paisagem as referências àquela cidade de identidade ferroviária, apagada e corrompida em suas lutas mais dignas<sup>11</sup>.

Assim, pois, o início dos anos 1980 marca um verdadeiro corte na história do município de Macaé, que cada vez mais experimentaria a centralização de suas atividades no entorno da produção petrolífera e toda a cadeia de serviços necessários a ela. À medida que os "estranhos" iam chegando e se instalando na cidade, com discursos e posturas tecnológicas, potencializados pela força do capital, tornava-se difícil o estabelecimento de diálogos profundos e inteligíveis com as autoridades e os próprios munícipes. Isso fez com que a compreensão dos fatos se desse a partir de entendimentos superficiais dentro das necessidades e vislumbres de cada um dos lados para aquela situação, na qual ninguém sabia o potencial exato das reservas da Bacia de Campos e das dimensões das mudanças que ainda estariam por vir.

O município do interior, agora já com uma população no entorno de 75.863 habitantes em 1980, tornou-se também, geograficamente, um verdadeiro centro de convergência a atrair indivíduos e negócios de toda parte, preconizando a representação própria de um Eldorado, no qual os sonhos e os sentidos de sucesso para uma vida futura passavam a fazer total sentido em meio a saberes técnicos e muitas aventuras.

A esse respeito, anotou Armando Borges<sup>12</sup> em sua publicação *História da Economia de Macaé*, que:

A Petrobras ofereceu inúmeros empregos em diversas áreas do seu complexo, os quais, em sua maioria, foram preenchidos por imigrantes, por falta de mão-de-obra qualificada local. Contudo, houve rápido aceleração da economia do município, causando euforia no empresariado com a elevação do consumo a qualquer preço. Conseqüentemente, surgiram problemas habitacionais, com brusca elevação dos valores dos aluguéis.

O comércio teve uma expansão nunca experimentada. Residências, portões de garagens e outras dependências, foram transformadas em pontos comerciais, além de edifícios construídos para escritórios e residências. (...)

A cidade se ressentia do grande movimento de veículos pesados transitando pelo centro. Carretas imensas transportando tubos de um lado para o outro, afundavam as ruas e avenidas, com real prejuízo para o município, sem que houvesse ressarcimentos. Os prefeitos da região, e principalmente o prefeito de Macaé, preconizavam indenizações, porém, não encontravam amparo legal nas leis em vigor. (In: BORGES, Armando. *História da Economia de Macaé*. Macaé: Damadá Artes Gráficas, 2000. pp. 108 e 109)

Com a grande afluência de pessoas e novos negócios em torno da Petrobras e da cadeia de produção de petróleo e gás que ia se constituindo, o macaense precisou adaptar-se à convivência com novas culturas, novos hábitos e costumes cosmopolitas permeados por seus novos habitantes, ou pela população flutuante que acompanhou as atividades no entorno da produção de petróleo. O uso da língua inglesa ia tornando-se comum e mesclando-se com as expressões nativas, tanto no que concernia às operações petrolíferas, quanto para atendimento das necessidades dos "gringos" então agregados ao cotidiano da cidade.

Junto com o suposto desenvolvimento, vinham também os roubos a residências, os assaltos à luz do dia e outros eventos da violência urbana. No contexto do final dos anos 1970 e início dos 80, a cidade, impactada, perdia vários de seus espaços culturais. Um curioso acontecimento ocorreu em 31 de dezembro de 1981 quando o Cine-Teatro Taboada foi fechado para dar lugar a uma grande loja de departamentos chamada Brastel. Embora tenha havido protestos da classe artística e indivíduos mais ligados à arte, "a sociedade civil assistiu àquilo tudo com olhar irônico, supondo que o fim do cine-teatro era inevitável e fazia parte do progresso que chegava a

Macaé" (LOBO JÚNIOR *et al*, 1990). Como essa, muitas outras mudanças iam se estabelecendo. Embora o cenário da cidade fosse o mesmo, já não se reconhecia a Macaé de antes na experiência cotidiana daqueles novos tempos cheios de novidades, sem demarcações de limites. Para muitos olhares era o progresso, para outros, uma espécie de ameaça.

Assim, a depender do olhar, as situações são vistas como extremamente positivas para uns e negativas para outros. Por isso, o nosso entendimento de crise perpassa pelo sentido etimológico da palavra grega *krisis*, que, embora oriunda do campo da medicina, do tratamento do paciente medicado aguardando a reação corporal para a vida ou morte, estabelece-se em um estado de possibilidades, tanto negativas, quanto positivas (KOOGANN/HOUAISS, 2000).

Historicamente, crises sociais se estabelecem em processos de tempos curtos, nos quais as principais características não são necessariamente aquilo que se avalia como bom ou ruim, mas, sim, como períodos de graves mudanças. Especialmente no que concerne ao modelo sócio-econômico-cultural vigente, abrindo espaço para novos modelos que se constituirão a partir dos encontros e confrontos entre o original e o novo, possibilitando a geração de outras perspectivas híbridas.

A entrada de Macaé no rol dos municípios produtores de petróleo, para além das mudanças locais, inseria-o, inadvertidamente, nos movimentos e propriedades de uma grande rede econômica mundial. Assim quanto maior o envolvimento, maior a geração de inclusão e identidade no contexto da rede, ao mesmo tempo que há maior abertura aos refluxos que o centro desse envolvimento seria capaz de gerar. Nessa conjuntura, estaria-se também sujeito às curvas positivas e negativas desse sistema num processo de interdependências e, agora também, de pertencimento.

A crise que se estabelecera na velha Macaé com a chegada da Petrobras ia se consolidando em uma sociedade nova, à medida que o município assumia a liderança tanto na produção, quanto como sede regional da empresa. E apesar de sabido por todos que o petróleo é uma fonte natural não renovável, a pujança econômica, a fartura de empregos, o *boom* imobiliário e outras características capitalistas positivas desse modelo social nunca permitiram que a conscientização da volatilidade da produção, bem como da vulnerabilidade a partir da inserção na grande rede, fizesse parte de uma mentalidade local cotidiana.

É curioso perceber a dicotomia social em confrontos culturais (LARAIA, 2006) quando ouvimos, com certa naturalidade, o desejo de se manter na rede ao mesmo tempo em que se conserve a antiga cultura local; o desejo de perpetuação do deleite econômico sem a preocupação com a exclusão e as consequentes perspectivas da violência urbana; a manutenção das grandes arrecadações públicas, sem que ocorram os vícios administrativos e a corrupção. Produtos da sociedade petrolífera, estabelecem-se em condições de hibridismo cotidiano, embora não necessariamente naturais.

Assim, o município experimentou ao longo dos anos uma perene curva ascendente em processos de efervescência política e social totalmente fora da realidade dos municípios brasileiros não produtores. Talvez o modelo político administrativo, nos tempos de grande arrecadação de *royalties* e crescimento econômico vulnerável, seja o que mais deixou em clarividência essa demonstração pela enorme dicotomia entre a arrecadação municipal e as potencialidades locais. Demonstrada por seus índices de desenvolvimento social, infraestrutura urbana e qualidade de vida.

Até 2011, a Petrobras e as empresas do setor *offshore* somavam em torno de 276 empreendimentos formadores da cadeia responsável por produzir 80% do petróleo nacional e 47% da produção de gás natural do país<sup>13</sup>.

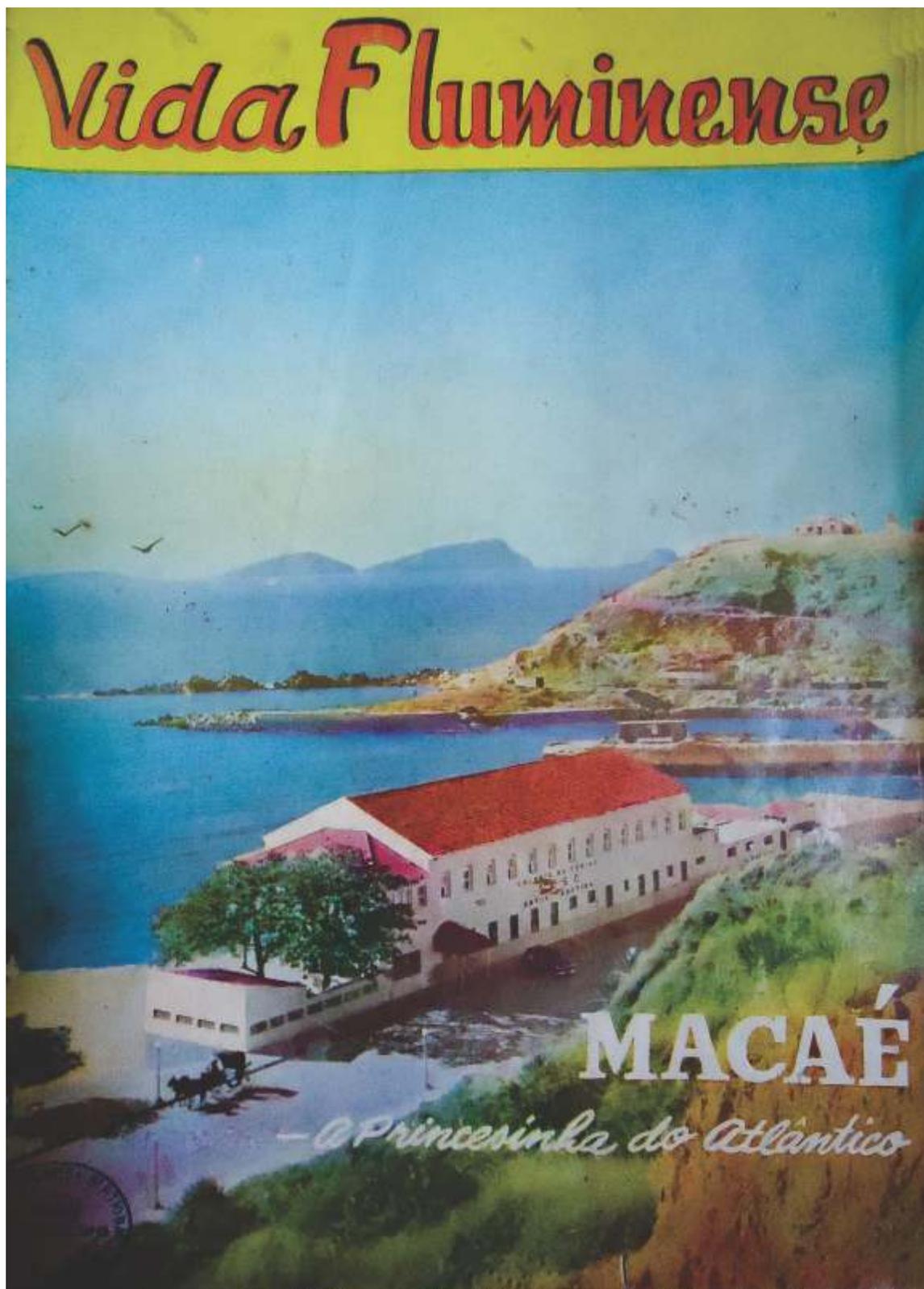


Imagem 01 - Vista do Hotel de Imbetiba e do antigo porto. (Revista Vida Fluminense - Década de 1950  
Acervo particular - Collecção D. Rosa Joaquina)

Já em 2012, depois de mais de trinta anos do início da exploração de óleo e gás na Bacia de Campos, a população do município de Macaé era de 217.951 habitantes, mantendo a expressiva taxa de crescimento no entorno de 4,55% ao ano. Essa média levou ao aumento de 104,9% de moradores nas últimas duas décadas, dos quais a maioria expressiva era dos brasileiros de todos os cantos do país, além de estrangeiros, vinculados especialmente à cadeia de empresas subsidiárias da Petrobras. Isso fez com que Macaé mantivesse o índice de 13ª cidade mais populosa dentre 92 cidades no estado do Rio de Janeiro, porém, com o 4º maior PIB dentre elas<sup>14</sup>. Em 2012 esse valor significava, em termos de arrecadação municipal, até metade do mês de dezembro, o montante de R\$ 1.677.955.427, 41 (Um bilhão, seiscentos e setenta e sete milhões, novecentos e cinquenta e cinco mil, quatrocentos e vinte e sete reais e quarenta e um centavos)<sup>15</sup> e estabelecia em dialética com a gestão pública e a experiência coletiva na cidade a expectativa social de prosperidade contínua compartilhada.

A febre pelo “ouro negro” gerou uma imagem fictícia e idealizada da realidade, baseada na impressão de estabilidade e bonança até que os mais leves e depois os fortíssimos impactos da crise iniciada em 2014 chegassem na forma de demissões, fechamentos de empresas e desmonte da estrutura da cadeia produtora de óleo e gás até então em crescimento. O conceito de progresso definido pelo centro dessa sociedade como sinônimo de crescimento econômico vulnerável nunca foi consenso em sua própria periferia (MARTINS, 1992). Porque mesmo em uma sociedade produtora de tamanhas riquezas, os benefícios dessa produção se mantiveram fortemente descontinuados, gerando a Macaé partida entre o pertencimento e a exclusão.



Imagem 02 - Vista aérea das Oficinas Ferroviárias de Imbetiba - Foto: Lívio Dedeco Campos - Década de 1970 - (Collecção D. Rosa Joaquina)



Imagem 03 - Vista aérea da Praia de Imbetiba na década de 1970 - Foto: Lívio Dedeco Campos 70 - (Collecção D. Rosa Joaquina)



Imagem 04 - Vista aérea do centro da cidade de Macaé na década de 1970 - Foto: Lívio Dedeco Campos 70 - (Collecção D. Rosa Joaquina)



*Imagem 05 – Praia de Imbetiba em dia de verão com curiosa interação entre pessoas e a paisagem modificada pela indústria do petróleo – Foto: João Barreto - 2019*



*Imagem 06– Comunidade da periferia macaense atravessada por tubos da Petrobras. – Foto: João Barreto - 2019*

Talvez aqui possamos ampliar o entendimento em torno da conhecida expressão “a maldição do petróleo” (ROSS, 2015), originalmente vinculada à inibição que a cadeia do petróleo gera à diversificação de atividades econômicas no seu entorno, tragando para o seu seio, como num tropismo de desejos e representações (CHARTIER, 2002), a lógica de se viver em sua área de influência ou domínio. E entendê-la também como a condição que, apesar de ter possibilitado a inclusão de inúmeras famílias no mercado e a realização de seus sonhos a partir dessa cadeia produtiva, fomentou, no sentido oposto, ao lado da produção de tanta riqueza e tecnologias e independente dos tempos de bonança ou de crise, a exclusão social em variadas representações práticas e cotidianas. Assim, pois, nesse segundo momento, o da crise propriamente dita, ou a CRISE entendida e/ou expressada com letras maiúsculas, as percepções tornam-se mais sensíveis, porque se a bonança tem a capacidade de gerar os grandes fossos sociais, embora com a sensação de que tudo está bem, a crise tem o poder de irmanar os indivíduos e tocar as autoridades, ainda que seja pelo viés do sofrimento e da escassez, representantes legítimos e em potencial do sistema capitalista mundial ao qual a economia do petróleo se vincula em absoluto.

Entre os anos de 2015 e 2017 foram encerrados em Macaé mais de 35 mil postos de trabalho com carteira assinada, segundo informações do CAGED<sup>16</sup>. O resultado dessa retração impactou direta ou indiretamente todos os setores da sociedade macaense e do seu entorno criando uma bolha de desemprego e falta de sentidos sem precedentes na história recente do município, resultando em uma legião de pessoas excluídas forçadamente do mercado de trabalho, necessitando reorientar suas vidas ainda que fosse à distância do mercado local. Sem contar com os lugares desconhecidos, também impactados, mais suavemente, quando desfeita a imagem fátua do eldorado e a opção de voltar “para casa” fora a escolhida por muitas pessoas que não viam mais sentido em continuar por aqui. Estava cortado o fluxo contínuo de pessoas atraídas pelas promessas do petróleo, quando a “Capital Nacional do Petróleo<sup>17</sup>” se transformara, tristemente e por trocadilho, na “Capital Nacional do Desemprego”, vendo sua famosa Praça Veríssimo de Melo assumir a alcunha de “A Praça dos Desempregados!”<sup>18</sup>

Evidenciava-se assim a instabilidade de uma sociedade em processo de consolidação, abrindo espaço para muitas considerações sobre o futuro. Dentre elas, se seria possível pensar em estabilidade em longo prazo, quando as próprias reservas regionais de óleo são finitas; ou ainda, refletir sobre os aspectos locais da crise tríplice, quando a mesma causa impacto no estado do Rio de Janeiro e no Brasil como um todo.

De certa forma, ainda em processo, esse momento de grave crise também tem sido um momento de redescoberta de Macaé, especialmente no que tange às vocações naturais e próprias da cidade, encobertas pela força econômica do petróleo. Reaparecem, portanto, no cenário do município, atividades como o turismo, o agronegócio, a pesca, entre outros, ao tempo que também se destacam, em nova pujança, o Ensino Superior, os novos investimentos e a reestruturação do espaço urbano.

Devido à sua grande complexidade imperceptível a olhos simples, ao que parece, a indústria do petróleo em sua completude econômica e social ainda é uma grande desconhecida que se apresenta lentamente. A cada tempo um lado da face se mostra, em identidades múltiplas, como componentes ambíguos de um mesmo todo. Assim, pois, conhecê-la talvez seja a principal atitude para seguir, lado a lado, em harmonia com ela. Com ela e apesar dela no que tem sido denominado de “o novo ciclo econômico do petróleo”<sup>19</sup>, em que se destacam, entre outros atores, os filhos macaenses dos muitos migrantes que a cidade acolheu, legítimos representantes de uma nova identidade, imbuídos dos valores de pertencimento local.

Em uma matéria de 30 de junho de 2008<sup>20</sup>, do jornalista Denis Russo Burgierman, a *Revista Super Interessante* trouxe algumas considerações valiosas do venezuelano Juan Pablo Pérez Alfonso (1903-1979)<sup>21</sup> sobre as complexidades advindas em países produtores de petróleo. Para ele, curiosamente um dos fundadores da OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo<sup>22</sup>, “o petróleo não era um indício da mão de Deus, mas, sim, o excremento do diabo”, justificando, portanto, todas as crises econômicas, políticas, sociais e culturais envolvidas em sua produção. No entanto, a partir de sua experiência em seu próprio país, bem como na experiência adquirida no convívio com países como o México, o Iraque e a Arábia Saudita, Pérez Alfonso chamava a atenção para os três pontos mínimos a serem seguidos a fim de superar essa inseparável maldição: primeiro, ter um projeto de país; segundo, proteger a sua economia; terceiro, exercitar no limite máximo a transparência pública.

Longe da prepotência de sermos um país, mas pensando na dinâmica local do município de Macaé, talvez possamos exercitar as diretrizes apontadas pelo venezuelano complementando-as com o que fazia dele alguém tão especial: o aprendizado pela experiência.

Depois de mais de quarenta anos convivendo com as fiéis realidades da exploração de petróleo, a trajetória de Macaé tornou-se única na história do Brasil. Se nesse bojo do vivido está a inclusão da crise como a curva negativa de um médio período de prosperidade, somente a partir da experiência e do conhecimento da nossa própria trajetória, reflexivamente, existirá a possibilidade de ampliarmos nosso campo de visão social e nos reposicionarmos com maturidade.

Da desordem gerada pela crise, na metafórica comparação com o caos, percebeu-se ao logo desses últimos dois ou três anos que, para além da confusão, havia perspectivas novas na lógica interna da cidade que transcendiam à própria crise. E no assentar desse pouco tempo, novos padrões de ordem e comportamentos socioeconômicos foram se formando com engenhosidade, ou apenas se fazendo aparecer quando estiveram sempre presentes, porém em estágio de dormência ou de invisibilidade frente à pujança da economia petrolífera.

A capacidade de resiliência está para a sociedade como o instinto pela vida está para o ser humano. Apesar das muitas trajetórias com perdas e ganhos e da memória desses tempos de crise que não se apagarão, o conhecimento interdisciplinar – da Universidade ao singelo pescador em sua potência – tão múltiplo como a própria Macaé, apontará o comportamento para o futuro e a capacidade de reinvenção proporcionando a construção de outras histórias sob continuidades e novas perspectivas.

Macaé, Março de 2019.



*Imagem 07- Rua da Praia com foz do Rio Macaé e Oceano ao fundo - Foto: João Barreto - 2019*

## NOTAS

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Literatura Memória Cultural e Sociedade (IFF-Campos dos Goytacazes). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorando em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Coordenador de Curso - PMM. Endereço Institucional: Cidade Universitária - Av. Aloísio da Silva Gomes, 50. Granja dos Cavaleiros. Macaé - RJ. E-mail: meynardo@gmail.com

<sup>2</sup> Dados históricos do IBGE por interpolação. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/default.shtm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2019.

<sup>3</sup> Sede das oficinas ferroviárias em Macaé, tradicional local de conscientização, lutas e conquistas de direitos democráticos; pólo irradiador de conscientização e lutas políticas.

<sup>4</sup> Referência ao Hino do Município de Macaé. Letra de Antonio Alvarez Parada e música de Lucas Vieira.

<sup>5</sup> As primeiras referências europeias sobre Macaé, registradas em livros ou o que seriam diários de viagens foram publicadas em Paris, no ano de 1855, pelo Frei Franciscano André Thevet. THEVET, André. *Singularidade da França Antártica, a que outros chamam de América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. E também, pelo pastor calvinista francês Jean de Léry, em seu livro *Viagem à Terra do Brasil*, publicado somente em 1578, vinte anos após sua volta à Europa. LÉRY, Jean. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

<sup>6</sup> Denominação popular e afetiva da Cidade de Macaé.

<sup>7</sup> Trata-se de um recorte do jornal, cujo título da reportagem não está completo, sem que com isso seja afetado o conteúdo, esse sim, completo. O mesmo faz parte do conteúdo da entrevista de Armando Barreto para a obra em produção: *Macaé Memórias Recentes*, de Meynardo Rocha de Carvalho (em produção).

<sup>8</sup> Jornalista macaense, acompanhou desde o advento as grandes transformações ocorridas na cidade com a descoberta e exploração do petróleo.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://clickmacae.com.br/petroleo-e-gas/especial/359/a-bacia-de-campos/pagina/256/porque-campos>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019.

<sup>10</sup> No início dos anos 1950, sob dificuldades, o Governo Brasileiro encampou a empresa, tornando-a Rede Ferroviária Federal, que encerrou suas atividades em 1975 sob os auspícios do Governo Militar.

<sup>11</sup> CARVALHO, Meynardo Rocha de. *Memórias Ferroviárias e Ditadura Civil-Militar: Identidade de classe, poder e esquecimento em Macaé*. UNIRIO. (Tese de doutorado em processo de elaboração).

<sup>12</sup> Comerciante macaense, apaixonado por sua história, por várias vezes presidente da Associação Comercial e Industrial de Macaé.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/capital-nacional-do-petroleo>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

<sup>14</sup> Revisão do Plano Diretor. Diagnóstico geral do Município de Macaé. Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br/midia/conteudo/arquivos/1429918917.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://odebateon.com.br/site/noticia/detalhe/27428/arrecadacao-de-macaer-supera-r-16-bilhao-em-onze-meses>. Acesso em 13 de março de 2019.

<sup>16</sup> Cadastro Geral de Desempregados do Ministério do Trabalho.

<sup>17</sup> Nomenclatura oficializada pelo Projeto de Lei nº 3111/2010, de autoria do Deputado Estadual Sabino, publicada em 27 de maio de 2010 pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, quando entrou em vigor.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/08/14/trilha-do-voto-capital-do-petroleo-macaer-sente-a-criese-e-tem-ate-praca-dos-desempregados.ghtml>. Acesso em 13 de janeiro de 2019

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.odebateon.com.br/brasil-offshore-tera-como-referencia-o-novo-ciclo-do-petroleo-nacional/?fbclid=IwAR1YDGQpiMtDzBsJBKkklkoZH7ZqKbrzFzSdqwZfflxgDTxyjjTj-Zl8M>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/a-maldicao-do-petroleo/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2019.

<sup>21</sup> Proeminente advogado, político e diplomata venezuelano, tendo ocupado entre outros cargos, o de Ministro do Desenvolvimento da Venezuela (Novembro de 1945 a Abril de 1948) e Ministro das Minas e Hidrocarbonetos da Venezuela (Fevereiro de 1959 a Janeiro de 1963).

<sup>22</sup> Organização criada em 14 de setembro de 1960, na Conferência de Bagdá, com o objetivo dos países exportadores se fortalecerem enquanto bloco frente às empresas compradoras de petróleo, em sua maioria pertencentes aos Estados Unidos, Inglaterra e Países Baixos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio*. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BORGES, Armando. *História da Economia de Macaé*. Macaé: Damadá Artes Gráficas, 2000.

CARVALHO, Meynardo Rocha (org.). *Comércio e prosperidade: memórias, textos e documentos – Centenário da Associação Comercial e Industrial de Macaé*. Macaé: Grafitusa, 2016.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. *Memórias Ferroviárias e Ditadura Civil-Militar: Identidade de classe, poder e esquecimento em Macaé*. UNIRIO. (Tese de doutorado em processo de elaboração).

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

FERRAZ, Cristiano Lima. *Marxismo e teoria das classes sociais*. Politeia - história e sociedade.

FONSECA, Eilton. *Estação Bendengó. Uma trilha das lutas dos ferroviários macaenses*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1996.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

- GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera. (orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- KOOGAN, Abrahão, HOUAISS, Antonio. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- LOBO JÚNIOR, Dácio Tavares et al. *Macaé – Síntese Geo-histórica*. Rio de Janeiro: 100 Artes Publicações/PMM, 1990.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio, Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre as histórias e outros ensaios*. Rio de Janeiro: TopBooks Editora, 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários. Arquivos do sonho operário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- ROSS, Michael L. *A maldição do petróleo. Como a riqueza petrolífera molda o desenvolvimento das nações*. Porto Alegre: CDG Editora, 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- TAVARES, Alice F., CAUTIERO, Gizele Muniz dos Santos, FRANCO, Maria da Conceição Vilela (orgs.). *Relatos e personagens na História de Macaé*. Prefeitura Municipal de Macaé – Macaé – RJ, Solar dos Mellos, 2014.
- THEVET, André. *Singularidade da França Antártica, a que outros chamam de América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da classe trabalhadora inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.